

A iniciação esportiva como uma oportunidade para aprender com o diferente: desconstruindo a separação por faixa etária e gênero a partir da intergeracionalidade

ABILIO, K. C.; SANTOS, J. L.; EID, F. P.; RODRIGUES, P. C.; FERREIRA, M. S.; GALHARDO, S.; FERREIRA, L. A.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, São Paulo.

Ao entendermos a iniciação esportiva (IE) como um momento de contato com a prática do esporte, no caso aqui do handebol, bem como um espaço de lazer voltado para a democratização e compartilhamento de aprendizagens, estamos defendendo uma proposta de ensino da IE que se oriente pela intergeracionalidade, ou seja, pela troca de saberes entre crianças, adolescentes, jovens e adultos de diferentes gêneros. Ainda que as gerações sejam definidas por peculiaridades biológicas, a partir do desenvolvimento humano, elas são claramente um produto cultural. Com base neste pressuposto foi desenvolvido um festival intergeracional de handebol com regras adaptadas e voltadas para a inclusão e participação ativa no jogo, envolvendo um total de 62 pessoas de nove a 44 anos de idade, do gênero masculino e feminino, que jogaram juntos. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar as impressões dos participantes deste festival sobre a vivência realizada. A pesquisa, de natureza qualitativa, se orientou por um estudo exploratório. A coleta foi realizada por meio de entrevista semiestruturada que foi composta por duas questões relativas às impressões dos participantes sobre o festival. Participaram da pesquisa 31 pessoas que haviam jogado pelo menos uma partida de handebol no festival, destas, 25 do gênero masculino e 6 do gênero feminino. Os dados apontaram que, embora a IE, sobretudo na literatura acadêmica, ainda se assente em uma perspectiva de divisão por faixa etária e gênero, impedindo uma construção de partilha entre pessoas de idades e gêneros distintos, 29 entrevistados manifestaram que já tinham vivenciado esta situação em outros espaços nos quais fazem (ou fizeram) alguma prática esportiva, como: escola, projetos sociais, rua, clubes, bosque, campinho do bairro. Os dois entrevistados que disseram nunca ter vivenciado algo semelhante, sinalizaram que a vivência contribuiu para: explicar as regras ao outro, ajudar quem não sabia jogar, conhecer pessoas novas e outras formas de jogar. Dentre os que já tinham vivenciado jogos com esta mistura, foram apontadas reflexões como: “o desafio desta vivência se torna mais relevante e por isso incentiva o participante a jogar”; “as pessoas de mais idade costumam ser excluídas da prática do esporte e este tipo de dinâmica pode contribuir para fazer esta inclusão”; “quando eu era pequeno jogar junto com meninas era algo comum, quando fui crescendo esta separação foi acontecendo”. Com base nos resultados identificados, podemos apontar que a vivência realizada dá visibilidade a uma prática social que parece já acontecer em diversos espaços sociais e numa perspectiva do lazer, desconstruindo esta separação por faixa etária e gênero da IE que parece muito mais inspirada pelo esporte de rendimento e espetáculo. Para além disso, outro ponto relevante dos dados corresponde às várias contribuições e reflexões sobre inclusão, respeito, solidariedade, gênero que foram explicitadas pelos participantes.

E-mail: karol.abilio@gmail.com